

O MUNDO NÓRDICO NA LITERATURA
THE NORDIC WORLD IN LITERATURE



LARRINGTON, Carolyne. *The Winter is coming: O Mundo Medieval de Game of Thrones*; tradução Márcia Blasques. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: UBook Editora, 2018

Thaís de Matos Barbosa¹

Carolyne Larrington é professora titular em Literatura Inglesa na Saint John's College, em Londres, desde 1999; em 2016, foi agraciada pela Universidade de Oxford com o título de *Professor of Medieval European Literature*. É doutora em Old English e Old Norse pela Universidade de Oxford e, desde então, atua no ensino de literatura nórdica e islandesa antigas, bem como orienta trabalhos na área de medievalismo, literatura nórdica e arturiana e emoção no período medieval.

O seu interesse na área de escandinavística e literatura de fantasia medieval, mais especificamente *Game of Thrones* – deu-se em momento de sua vida em que viveu na Noruega. A autora afirma que assistiu a série em uma de suas idas e vindas de avião ao seu país de origem,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6655-1409> E-mail: thais.m.barbosa@gmail.com

em que desenvolveu o interesse em estudar as relações intrínsecas entre a obra televisiva e os textos da literatura nórdica.

A obra é organizada em capítulos conforme se delineia o mapa de Westeros – terra fictícia em que se desenrola a narrativa de George R. R. Martin, autor do romance: o Centro, o Norte, o Oeste, Do Outro lado do Mar Estreito e o Leste. Dessa maneira, a autora organiza a sua narrativa de forma simples, objetiva, mas bastante detalhista quanto às características que são pertinentes ao mundo medieval da série, não só o mundo nórdico, mas aos demais aspectos literários medievais que se pode encontrar na série, por exemplo, no prefácio, quando a professora compara a história dos sete reinos à Guerra das Rosas, ao definir a casa Stark como os York, e a casa Lannister como os Lancaster, devido à semelhança da política de Westeros.

Ao adentrar o mundo de Martin, abordam-se diferentes temas recorrentes na obra e as mais diversas questões: sexualidade, honra, poder, relações familiares, etc. Ao descrever o Centro – a Cidadela - e como esse lugar lidava com a honra, por exemplo, a autora menciona a semelhança da forma com que os líderes resolviam essas questões com a maneira representada nas sagas, que ocorria seja pela utilização do *Althing*, uma espécie de conselho de homens importantes das terras nórdicas, para realizar o julgamento, seja pela própria vingança em si, como forma de defender a sua dinastia, algo comum à obra de Martin, cujo conceito de honra entre homens e mulheres é bem diferente entre si no mundo construído pelo autor. Quanto aos casamentos e a sexualidade na região, Larrington prefere partir do contexto da personagem Daenerys Targaryen e debater as questões do estupro e da violência sexual, quando a mesma afirma que “*na Europa medieval, a violência sexual era endêmica, assim como em Westeros; só a proteção masculina garantia a segurança fora de casa*” (p. 47). Nesse mesmo momento, o texto compara a personagem Cersei à rainha Margarida d’Anjou, que precisou lidar com uma vida caótica – a loucura do marido, a dificuldade em produzir herdeiros e a crescente ambição da casa de York.

Ainda nesse capítulo, há menção aos dragões e sua força. Descritos como sempre ligados ao ouro, apesar de sua força, tinham fraquezas conhecidas, as quais são mencionadas tanto na obra de Martin como as obras de Tolkien, as quais a autora vai mencionar também. Dentro dessa temática dos dragões e seres mágicos, ao se reportar aos dragões de Daenerys

Targaryen, em determinado momento, a autora retoma à *Ragnars saga loðbrókar*², em que Thora ganha um filhote de dragão do seu pai que, para crescer e prosperar, precisa que se coloque uma moeda de ouro embaixo dele todos os dias, mas que, à medida que o animal cresce, ele precisa ser eliminado. Com isso, a mão dela é oferecida àquele capaz de matar tal monstro – no caso Ragnar. Com isso, ainda passeia por outros dragões na literatura como Smaug (*O Hobbit*³) e o dragão em *Beowulf*⁴, apresentando-nos suas semelhanças e diferenças com os dragões de Martin.

Quanto aos animais, Winterfell será o ponto mais preponderante no que diz respeito aos símbolos nórdicos, a começar pelos lobos, que são o símbolo da casa *Stark*; e os corvos, presentes em toda a obra, cuja análise se liga diretamente ao deus Oðinn e seus Hugin e Munin (pensamento e memória), em que a autora se debruça de maneira contundente – simbologia essa bastante presente em toda a narrativa de Martin e, constantemente, retomada em seu livro em outros momentos.

Um destaque importante precisa ser dado à Casa Greyjoy. Descendentes dos povos do Norte, são descritos pela autora como aqueles que “preferem pilhar do que negociar” (p. 83). Essa casa possui enorme semelhança com a estrutura dos povos vikings: eram excelentes no mar e preferiam saquear. Em um determinado momento, quando Balon Greyjoy descobre que o belo colar de Theon foi negociado e comprado, ao invés de roubado, ele o arranca do pescoço do filho e pergunta o porquê de ele ter negociado em vez de tê-lo arrancado de algum “pescoço morto”. A autora ressalta ainda a importância da estrutura dos “nascidos do Ferro”, tanto política, pois ambas as sociedades – viking e dos Greyjoy – eram sociedades em que apenas o homem podia ser líder, como religiosa, ao afirmar que, diferente dos nórdicos, os Greyjoy adoravam o Deus Afogado, que os protegia em suas viagens.

Outro ponto de destaque da obra é a descrição dos povos do Leste, em especial os *dothraki*. A professora Carlyne Larrington se esmera no detalhamento das semelhanças entre

² Conhecida em português como a saga de Ragnar Calças Peludas.

³ TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Tradução Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisetta; revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luis Carlos Borges. –7ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

⁴ BEOWULF: an Anglo-Saxon epic poem. Translated from the Heyn-socin text by Lesslie Hall. Boston: D. C. Heath, 1892

o *khalasar* de Khal Drogo e os mongóis, detalhando a forma como os personagens viviam e suas espadas de lâminas curvas.

A obra, por si só, demonstra a importância da medievalística e escandinavística para a construção de uma literatura medieval de fantasia e a importância de se entender o contexto histórico para analisar e interpretar esse movimento artístico que, com o advento de filmes e sagas sobre a temática, tornou-se mais evidente. Sendo assim, o livro da professora Carolyne Larrington é extremamente importante para todos aqueles que estudam ou se interessam pela temática, visto a profundidade com que ela desenvolve essa temática.